

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TIJOLOS E ESPELHOS – O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)
PARTE I – ANTES DA REVOLUÇÃO
4 e 20 de fevereiro de 2023

DOROSHKECHI / 1971
(“O Condutor de Carruagens”)

Um filme de Nosrat Karimi

Argumento e Realização: Nosrat Karimi / *Direção de Fotografia:* Houshang Baharlou / *Montagem:* Sirius Jarrahzadeh / *Música:* Mojtaba Mirzadeh / *Produção:* Manouchehr Sadeghpour / *Interpretações:* Nosrat Karimi (Gholamali), Shahla Riahi (Zinat Sadat), Masoud Asadollahi (Morteza), Arghavan (Pouri), Babak Karimi (Hassan), Ezattollah Navid, Diana / *Cópia:* DCP, a preto-e-branco, falado em farsi com legendas em inglês e legendas eletrónicas em português / *Duração:* 116 minutos / *Estreia Mundial:* Irão, 1971 / *Inédito Comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Com a presença de Ehsan Khoshbahkt na sessão do dia 4 de Fevereiro.

A dimensão mais cosmopolita do chamado cinema popular iraniano, ou *filmfarsi*, está patente na encruzilhada de referências presente neste filme. Trata-se de uma comédia sexual, com música e sátira social, tão devedora da cornucópia de Bollywood quanto da inventividade do cinema moderno mais arrojado (sobretudo o checoslovaco, algo que podemos atribuir à própria educação deste realizador, aqui também ator, Nosrat Karimi, obtida em Praga e no campo da animação) ou ainda, e acima de tudo, da mais desbragada *Commedia all'italiana* (o que também podemos atribuir ao facto de Karimi ter trabalhado, como assistente, para Vittorio De Sica ou pela simples razão de ter sido um *vero amante* de cinema italiano). A fórmula nunca será simples, mas, de uma maneira superficial, podemos tentar definir este “**O Condutor de Carruagens**” como uma *Commedia all'iraniana* – muito mais próxima de Pietro Germi do que de De Sica, na realidade – com nudez, música, melodrama e uma pulsão delirante que talvez possamos situar algures entre a Nova Vaga checa e a mais sofisticada Bollywood.

Não estamos longe dos verdadeiros *cocktails* cinéfilos que caracterizaram o género *filmfarsi* tal como definido pelo curador e crítico Ehsan Khoshbahkt. Exemplar de um cinema excêntrico, imprevisível e, por vezes, algo selvagem, tanto no fundo como na forma, “**O Condutor de Carruagens**” desmantela a sociedade iraniana, do ponto de vista moral, quanto aos seus costumes e superstições, a partir do caso de uma família que não consegue resolver uma complexa equação cultural: depois da morte do *pater famílias*, que escorregou numa casca de banana indo desta para melhor, um simpático mas algo calculista condutor de carruagens enviuvado (interpretação do próprio Karimi, de facto, um ator-realizador à maneira de De Sica ou Germi) procura casar de novo, desta feita reacendendo uma paixão antiga: conquistando a mulher que acabou de enviuvar e que, por coincidência (eu disse que a equação não seria simples...), é a mãe do homem que pretende contrair matrimónio com a filha do dito viúvo.

Na teia familiar intrometem-se as tradições e as superstições da sociedade iraniana, que lidam com questões como o luto e o papel das mulheres – para que o casamento aconteça, o desgraçado terá de obter a autorização do tio da viúva e, pior que isso, do filho desta última, leia-se, do seu putativo genro. Mas estes não vão querer ceder à humilhação de ver a viúva trocar o honroso pai de família por um reles “condutor de carruagens”. Os dados estão lançados e o jogo será levado até às últimas consequências, extravasando uma linguagem de exageros própria de um melodrama que pensa nos termos da comédia (veja-se a incrível sequência final ou “o horror” de um ritual de circuncisão e seu desfecho indescritível) ou de uma comédia que pensa nos termos de um musical muito atrevido (o permanente *swing* de olhares, gestos, sugestões entre casais, que bebem, dançam, cantam e... se “devoram” nas costas uns dos outros).

Toda esta coreografia de géneros cinematográficos resulta, no ecrã, num verdadeiramente magistral novelo de equívocos e desentendimentos que termina numa sentida reconciliação com a humanidade destas personagens, vencidas não só pelo cansaço de tanto guerrearem para... não se sabe bem o quê, como também derreadas por causa de algo muito maior: o amor à vida. Há, com efeito, um aspeto hedonista – quase diabólico (também no sentido mélièsiano do termo) – que acaba sublimado no plano final, um “olho de Deus” sobre o qual se inscreve não o tradicional “The End” mas um hilariante “Fiquem bem”. Que é como quem diz: “Portem-se bem”. Ou então: “Tenham noção”. Poderosa mensagem vinda de um cinema e de uma sociedade muito em breve estrangulados pelo peso de uma série de tradições e “leis sagradas”. Uma seriedade opressiva – muito contemporânea, infelizmente – algo impensável dentro da linguagem, de corpos e gestos, que enforma e deforma, até à gargalhada mais galhofeira, **“O Condutor de Carruagens”**. Irresistível.

Luís Mendonça